

## "REFLEXÕES SOBRE GEOGRAFIA, BIODIVERSIDADE E GLOBALIZAÇÃO EM TEMPOS NEOLIBERAIS"

*Marcos Bernardino de Carvalho\**

Já faz algum tempo que as referências ambientais e ecológicas estão na moda. Também palavras como planeta, global, mundial, globalização etc, ganharam uso corrente. Da mesma maneira, derivativos obscuros e dissimulados da idéia de liberdade, tais como liberal e liberalismo, passaram a compor os outros fatores das equações que, reiteradamente, têm pretendido traduzir todas as análises e referências aos tempos que correm. E isso se dá particularmente quando a escala eleita para o desenvolvimento e contextualização de tais análises é a escala planetária. E neste caso não faltam igualmente as expressões compostas por palavras como mapa, espaço, moderno, novo e ordem. Palavras estas que, entre muitas outras, também se tornaram vítimas do abuso corrente e do espírito de panacéia analítica que tem prevalecido nas nossas referências ao atual estado do mundo.

A impressão que se tem é que muitas dessas palavras e expressões vagam errantes por aí. Talvez porque o uso abusado de determinadas expressões e conseqüentemente a exposição exagerada afastam os signos de quaisquer significados. Dissociados, se prestam mais ao papel de metáforas pobres, conceitos mal resolvidos, panacéias analíticas, eufemismos etc.

Mas tal situação não revela propriamente uma novidade. Há bem pouco tempo as palavras da moda e as panacéias eram outras. Estas, no entanto, hoje compõem um conjunto de expressões banidas do nosso vocabulário analítico. E foram banidas, preferencialmente, aquelas que ainda revelem qualquer vinculação, mesmo que remota, com as malogradas tentativas de estabelecimento de sociedades socialistas ou com quaisquer um dos

teóricos que poderiam ser relacionados com tal malogro, como Marx e Engels, por exemplo.

Luta de classes, desigualdade, exploração, imperialismo, entre outras, ou, até mesmo a história, são expressões que, ou saíram de moda, ou foram alvos de uma tentativa de expurgo por parte de quem acredita deter os *royalties* e direitos das interpretações do mundo na atualidade: a História já teve o seu fim decretado e, por tabela, a luta de classes descarrilou no mesmo bonde. Mas quando não é esta História sem adjetivações, que a precipitação analítica resolve interromper, é a "história natural" que invariavelmente deve terminar para dar lugar à uma "história social", ou, como seria bem ao gosto de uma certa geografia mumificada, são os "espaços geográficos" que vêm substituir os hoje inexistentes (sic) "espaços naturais", ou então são as "segundas naturezas" a interromper os ciclos das "primeiras" e assim por diante.

No campo dos fenômenos globais, mundiais ou planetarizados, parece, então, que tudo começou ontem e que para se transformar em novidade as análises cometidas bastaria acrescentar os prefixos "neo" ou "pós" em tudo aquilo que se diz.

Por tudo isso, e mesmo que se corra o risco da iterabilidade, a referência a todas essas questões tornou-se hoje uma espécie de preâmbulo obrigatório, especialmente quando o tema que se pretende desenvolver, por causa da sua importância, é, desgraçadamente, um tema da moda. Esta condição fatalmente nos obrigará a utilização de vocabulário que, tanto pela sua novidade como por sua antigüidade, pode suscitar entendimento diverso daquele que se deseja.

Para prosseguir, na verdade iniciar o ataque ao tema propriamente dito, poderíamos cometer uma afirmação, intempestiva, porém já sintetizadora das idéias e das características do ambiente contextual no qual o desenvolvimento do tema parece obrigatoriamente se enquadrar: neoliberalismo é o retorno de um velho eufemismo. E caso tal afirmação seja caracterizada de simplificada e redutora, isto não deveria ser tomado como ofensivo, mas entendido apenas como uma constatação do ritmo de análise sugerido por estes tempos de complexa simplificação: vivemos os tempos simplificados do neoliberalismo. O que poderia ser entendido também como o tempo de uma nova não realização,

\* Professor do Departamento de Geografia da PUC/São Paulo e autor de Livros Didáticos de Geografia (Editora Atual) e Doutorando pela PUC/SP. Endereço para Correspondência: Depto. de Geografia, FCS/PUC/SP, Rua Monte Alegre, N. 984, SÃO PAULO (SP). Caixa Postal: 7982. CEP. 05014-001. Tel. (55) (011) 62-8132 e FAX (55) (011) 62-4920.

ou, se preferirmos, como o tempo de um novo retorno a um velho eufemismo.

Sim, porque um rápido olhar sobre a experiência desenvolvida, em nome da difusão mundial dos modelos sustentados pelas teses liberais, nos últimos dois séculos, nos permitiriam afirmar, com certa tranqüilidade que o liberalismo apregoado - uma espécie de ideologia combatente - não passou de um eufemismo. Eufemismo para a hoje "execrada" idéia de imperialismo.

Ora, se a regra de ouro da tese liberal é a liberdade da iniciativa, com todas as conseqüências que daí advém, obviamente que a imposição (mesmo que assintótica) de um único padrão de acumulação e uma única maneira de ordenamento geopolítico para o conjunto do planeta, como se este vivesse sob o jugo de um único grande império das leis da economia-política, transforma a pregação liberal em eufemismo camuflador dos processos de hegemonização verificado nestes últimos tempos, convencionalmente chamados de modernos.

O liberalismo dos séculos XVIII e XIX afirmou-se a favor de uma necessidade e contra uma ameaça: a necessidade de um sistema - que, para sua eficácia, precisou ganhar o mundo, ampliando a escala do padrão de acumulação; e contra a ameaça socialista-marxista, cuja pregação igualitária desviaria para o atraso o destino de progresso e evolução que o capitalismo industrial anunciava para o mundo. Contra a igualdade promovida pela tutela da coletividade ou do Estado, as teses liberais difundiram a idéia de liberdade para empreender, para concorrer e para vencer, ou, para sucumbir diante de um processo de seleção que naturalmente se instalaria, graças à difusão das economias de mercado, em escalas cada vez mais globais.

Assim, o liberalismo converteu-se numa espécie de braço político-ideológico de um padrão de produção e apropriação de excedentes.

Mas essa história já é conhecida e não precisamos detalhá-la.

Em nome da liberdade, do progresso, da evolução e do desenvolvimento, o que se assistiu foi um processo de subjogação dos lugares, pessoas e nações de praticamente todos os cantos do planeta. Colonialismos e imperialismos, novos ou velhos, traduziram as denominações genéricas dos expedientes que

presidiram as relações entre os países até muito recentemente, mais precisamente até os anos 70. Ou até os anos 50, para aqueles que acham que África, Ásia e certas regiões da América Latina e da Oceania não fazem parte do mundo, ou não são fatos importantes de sua história.

Portanto, quando se fala em neoliberalismo, todos temos, no mínimo, o direito à desconfiança. Qual é a nova colonização ou qual é o novo imperialismo que esse retorno anuncia?

### **(Des)afetos que não se encerram...**

Mas antes de escolhermos uma resposta para estas questões, seria importante assinalar o seguinte: mesmo que o liberalismo anunciado seja de fato novo (neo), os seus afetos e desafetos continuam os de antigamente.

Os afetos são óbvios e sempre os encontraremos entre as necessidades ditadas pela ordem capitalista (suas crises, seus embarços, seus progressos). E os desafetos, embora não tão óbvios, permanecem sendo o combate aos princípios que justificavam as teses igualitárias do socialismo.

Há, no entanto, pelo menos uma diferença na situação do ambiente que promoveu esse novo encontro entre velhos afetos e desafetos, o que talvez justifique a utilização do prefixo neo: dessa vez não se trata de responder à uma ameaça, mas sim de propagandear uma possível vitória liberal e decretar a derrota final do socialismo, ou eminente, como ainda prefeririam alguns dos seus adeptos mais renitentes.

Seja como for e antes que se realizasse, como apregoava a tradição marxista, a profecia da farsa ou da tragédia, a história teve o seu fim decretado.

Em tons de alarde, por um mundo que se descobriu global, sob a batuta do (neo)liberalismo, o ufanismo deste final decretado, transformou em best-seller o livro de Francis Fukuyama - O fim da História e o último Homem -, e idéias tais como: "Hegel, bem como Marx, ambos acreditavam que a evolução das sociedades humanas não era infinita, mas terminaria no dia em que a humanidade tivesse aperfeiçoado uma forma de sociedade que satisfaria as suas necessidades mais profundas e mais fundamentais. Os dois pensadores tinham estabelecido um 'fim da

História': para Hegel, este era o Estado liberal; para Marx, a sociedade comunista".<sup>3</sup>

Segundo Fukuyama, diante da derrota comunista a aceitação e adoção em escala global das pretensões do modelo liberal, mesmo que apenas enquanto uma projeção ideal, uma espécie de inevitável 'vir-a-ser', seria o suficiente para dar razão ao fim previsto para a história pelo mestre Hegel. Nessa balada, é claro que tudo aquilo que estiver fora desta projeção, ou deste consenso global, tais como as vicissitudes do mundo islâmico ou os diversos cataclismos (terror, opressão, repressão, fome, miséria, extermínios, genocídios, etc.) verificados à larga também numa escala mundial, não passam de exceções à regra abraçada, ou então de fatos pertencentes ao "fluxo empírico dos acontecimentos"<sup>4</sup> e incapazes de obstaculizar a consecução do ideal maior hegelianamente anunciado.

Se dependesse do best-seller de Fukuyama, ou da forma como muitas de suas idéias e anúncios foram adotados, especialmente pelos propagandistas da vitória do capitalismo liberal, o mundo pós-muro de Berlim e pós-derrocada do leste, finalmente teria "amanhecido" globalizado pela alternativa vitoriosa.

Mas a insistência na adoção e decretação de uma "data" para a origem dessa "nova" realidade - a realidade mundializada -, o anúncio e destaque publicitário/midiático deste mundo amanhecido como globalizado e sua incorporação nauseante ao vocabulário corriqueiro dos analistas das "novas" ordens, acabou por revelar também os receios dos "vitoriosos": a percepção da

<sup>3</sup> As referências ao livro de Fukuyama foram extraídas de Jacques Derrida - *Os espectros de Marx* -, Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 1994. No capítulo 2 deste livro - *Conjurar o marxismo* -, Derrida dedica-se basicamente à dissecação e à crítica das teses de Fukuyama e àquilo que Derrida caracterizou como anúncio evangélico da vitória global do capitalismo e da democracia liberal: "Essa 'evolução rumo à liberdade política do mundo inteiro' se teria feito, segundo Fukuyama, 'sempre acompanhar (...)' de uma revolução liberal no pensamento econômico'. A Aliança da democracia liberal e do 'livre mercado', ei-la, são ainda as palavras do autor e não é simplesmente uma boa palavra, a 'boa nova' deste último quarto de século. Essa figura evangélica é notavelmente insistente. Como ela prevalece, ou pretende prevalecer na escala geopolítica, merece ser, ao menos, sublinhada". (p. 83 e 84)

<sup>4</sup> Cf. Referências às idéias de Fukuyama em Derrida, op. cit., p. 83 e 87.

antigüidade do que está se passando, ou a percepção dos novos fracassos que os selos "neos" e "pós" estão anunciando.<sup>5</sup>

Portanto, diante desta "novidade" - a globalização - tão avassaladoramente anunciada por uma espécie de aliança acadêmico-midiático-publicitária, somos obrigados, não sem um certo constrangimento, a anunciar também que o capitalismo nasceu mundializado e este fato não pode ser creditado a nenhum dos anos-símbolo do trepidante século XX.

No entanto, a existência daquilo que muitos chamaram de socialismo real, das sociedades superestatais, tenha talvez impedido ou embaçado a visão exata dos limites planetários já alcançados pelo padrão de acumulação há muito vigente.

Mas a falência do "leste" dissipou a névoa de dúvida e mistério que pairava sobre essa parte do mundo. Hoje se pode ver que os limites físicos planetários - as fronteiras do geóide -, que já tinham sido atingidos, foram de fato atingidos por padrões políticos e econômicos que se pretendiam e se realizaram, como universais desde o princípio.

De fato, a difusão e adoção da unidade geopolítica que viabilizou o capitalismo - O ESTADO-NAÇÃO -, consagrou-se: apenas nos anos recentíssimos da década de 90, por exemplo, pode-se contar mais uns vinte países no velho mapa do mundo. E inegavelmente o padrão de acumulação e apropriação viabilizado por esta geografia política tornou-se, no mínimo, uma espécie de meta-sistema mundial, isto é, configurou-se como o ambiente de todos os demais sistemas e lugares do mundo.

A imagem real e sintetizadora é de que finalmente a economia e a política se encontraram nas fronteiras da Terra. E o capitalismo, esta economia-política, canta sua vitória embalado pelo ritmo *musak* do neoliberalismo, mas não consegue disfarçar o riso nervoso que tem acompanhado esta "comemoração": um misto de pânico e alegria, próprio daqueles que são tomados subitamente

<sup>5</sup> Cf. ainda Derrida, ainda, observa: "Por que essa ampliação midiática? E como um discurso desse tipo é buscado por aqueles que só cantam a vitória do capitalismo liberal e de sua aliança predestinada com a democracia para dissimular, e primeiramente a si mesmos, que, em tempo algum, esse triunfo esteve mais ameaçado, nem foi tão crítico, frágil e até mesmo, sob certos pontos de vista, catastrófico, e mais enlutado? Enlutado pelo que o espectro de Marx representa ainda hoje, e que seria o caso de conjurar de modo jubilatório e maniaco (fase necessária em um trabalho de luto mal sucedido, segundo Freud), mas também virtualmente enlutado de si mesmo." (op. cit., p.96).

pelas preocupações que inevitavelmente invadem a festa de quem atingiu um limite da dimensão do espaço físico planetário.

Hoje, graças a esta situação, não é mais necessário simular um afastamento da Terra para avistá-la em seu conjunto. É possível observá-la por inteiro de qualquer um de seus lugares: "Se cada parte do mundo faz cada vez mais parte do mundo, também o mundo, enquanto um todo, está cada vez mais presente em cada uma das suas partes. Isso acontece não só com as nações e os povos, mas também com os indivíduos. Tal como cada ponto de um holograma contém a informação do todo de que faz parte, também cada indivíduo agora recebe ou consome as informações e as substâncias vindas de todo o Universo."<sup>6</sup>

Parece que só agora é possível entender melhor a expressão daqueles primeiros aventureiros que protagonizaram a ampliação do horizonte geográfico europeu, ou do horizonte geográfico do capitalismo (dá no mesmo), que em toda pós-travessia na verdade exclamavam "Terra à vista" (com T maiúsculo) e não "terra" (pedaço de chão) como distorcidamente nos ensinaram os manuais didáticos de história.<sup>7</sup>

### Já vimos este filme: o "Império Contra-ataca"

Dissipada a névoa que a ilusão de modelos alternativos existentes à "leste", interpunha a uma exata percepção do alcance planetário do padrão de acumulação e de ordenamento geopolítico, é possível voltar a explorar as indagações que inevitavelmente invadirão quaisquer reflexões sobre os tempos que correm.

Se o que estivéssemos assistindo fosse um filme, a impressão do "dejá vu" se apossaria de nós logo de início: qual é o "neo" imperialismo ou o "neo" colonialismo que esse "neo" liberalismo anuncia? Se o primeiro "filme" da série já embutia o subtítulo de "a missão" (civilizadora, para todos os efeitos, mas

<sup>6</sup> Edgar Morin e Anne Brigitte Kern. *Terra-Pátria*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993, p. 26 e 27.

<sup>7</sup> Idéia extraída de Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, op. Cit., que na conclusão de seu livro afirmam: "Assim, no termo da fantástica aventura começada no século XV, o grito da vigia de Colombo assume finalmente o seu sentido planetário: *Terra! Terra!*" (p. 155)

domesticadora para todos os lugares e pessoas), que subtítulo seria o mais adequado para este "liberalismo II"?

Este retorno, noutra escala, noutros tempos e noutras velocidades, deve ser entendido como anúncio para o estímulo do contínuo aprimoramento do que está posto?

Ou deve ser entendido como sintoma de alerta para a possibilidade de desmoronamento da utopia liberal?

O fato é que esta "utopia", tocada pela volúpia das qualidades totais, pela crença na infalibilidade da racionalidade gerencial, pela perseguição da máxima otimização dos recursos físicos e humanos, pela expansão igualmente máxima dos mercados, pela sujeição de tudo e todos à idolatria da mercadoria e da realização individual, inebriu-se com suas próprias promessas e trajetórias, não se dando conta de que apesar da pouca realização para o muito que foi anunciado, mesmo assim, encostou nos limites físicos das fronteiras nada imaginárias do planeta. E agora se pergunta: para onde expandir?

A impressão que se tem é de que esta coincidência entre fronteiras políticas, econômicas e físicas, simbolizada pelo atingimento dos confins do planeta, revela, no mínimo, uma situação seriamente crítica que se materializa até mesmo física e ambientalmente na escala global.

Mas para os adeptos das teses do "fim da história" e, portanto, adeptos também dos tratamentos eufemísticos e próprios de quem não está a fim de ser responsabilizado pela crise anunciada e produzida, tal situação projetaria, "no máximo" (diriam os neo-eufemistas), uma paradoxal aceleração e permanência dos tais "fluxos empíricos" a que se referiu Fukuyama. No entanto, pelo andar da carruagem (desemprego à taxa nunca vistas, estrangulamento de mercado, recrudescimento das crises étnico-nacionais, proliferação de paisagens degradadas etc.), tais "fluxos", tendem, na verdade, a converterem-se em "fixos", pois expressam condições cada vez mais intensamente presentes em todos os lugares do mundo. Obviamente há aí - neste aparente paradoxo de "fluxos-fixos" -, uma enorme quantidade de óbices às pretensões anunciadas para o desenvolvimento e crescimento dos chamados "mercados mundiais", pois a crença nos benefícios globais que estas expansões trariam ficam um tanto abaladas com tamanha onda de "empiricidades".

Seja como for, eufemisticamente ou não, a crise está instalada, ou projetada, e com dimensões facilmente observáveis em qualquer mapa do mundo e em qualquer escala que se escolha para fazer tal observação, mesmo que esta escala seja grande o suficiente para nos dar a impressão de que observamos apenas uma localidade ou região qualquer aparentemente desconectada da movimentação geral.

Para enfrentar a crise continua-se fazendo o de sempre: apelando para as clássicas fórmulas já tantas vezes experimentadas, pelo processo sabidamente tocado pelo ritmo dos sustos cíclicos e dos esgotamentos recorrentes, que o padrão de acumulação que se quer preservar impõe necessariamente.

Entre essas fórmulas, no entanto, há inegavelmente uma clara aposta na potencialidade da produção de novos patamares tecnológicos, pois clássicas saídas como a criação ou descoberta de novos mercados e/ou o desencadeamento de guerras mundiais, mesmo que disfarçadas de conflitos locais, estão definitivamente incorporadas aos tais "fluxos empíricos" já um pouco lentos e com capacidade defasada de resposta para as dimensões do que se está requisitando.

### A aposta biotecnológica e a nova colonização

Embora não exclusivamente, tudo indica que a aposta para a superação do processo crítico a que estamos nos referindo seja enfaticamente tecnológica. E será na qualificação do conteúdo, ou na identificação da matéria prima, que suportará esta projetada mudança para um novo patamar, que poderemos divisar as vinculações e significados dos ingredientes básicos - do ambientalismo ao neoliberalismo -, presentes nos mais diversos discursos e interpretações da atualidade: "os especialistas já dispõem de dados suficientes para acreditar que a biotecnologia e a revolução dos novos materiais constituem a próxima onda de altas tecnologias e, que tal tendência conduzirá a uma mudança de paradigma tecnológico"<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Laymert Garcia dos Santos - A encruzilhada da Política Ambiental Brasileira -, in *Novos Estudos/Cebrap*, São Paulo, n. 38, março de 1994, p.172

É fato que todo o avanço tecnológico, até agora experimentado, fundou-se na conversão de valores ambientais em valores econômico-sociais e, portanto, na conversão de valores complexos de existência, submetidos apenas a uma (des)ordem natural, em fatores de produção, capazes de viabilizar fluxos parametrizados, gerenciados e incorporados aos devires sociais em seus propósitos de incrementar o volume de excedentes.

Só que dessa vez, experimentamos um daqueles raros períodos em que o que está em questão não é um simples processo de aprimoramento técnico ou de avanço genérico na tecnologia. Trata-se de uma revolução, em que a possível singularidade do planeta Terra<sup>9</sup> entrará finalmente e de maneira integral, naquele jogo de conversões e ameaças que, até agora, tinham impactado mais pesadamente outros ingredientes da dinâmica social e planetária: "François Dagognet<sup>10</sup>, (...) identifica três revoluções principais nas nossas atitudes em relação ao mundo; a primeira foi a possibilidade de uma mecanização do mundo, associada a Galileu; a segunda foi a Revolução Francesa, que mostrou à humanidade que suas instituições lhe pertenciam e, conseqüentemente, os homens poderiam se tornar 'senhores das relações sociais'; a terceira, que está agora à mercê de nossa vontade, não se refere nem ao universo nem à sociedade, mas à própria vida."

Ou seja, àquelas indagações, a respeito das possíveis novidades que o retorno ao velho eufemismo (liberalismo/imperialismo) estaria anunciando, seria possível responder também que: se há um novo colonialismo sendo anunciado, este colonialismo é o genético; se há novos controles e apropriações territoriais em mira, estes recairão sobre os territórios dos mananciais de biodiversidade; se há um novo mapa sendo

<sup>9</sup> Aqui a referência é direta para o fato do advento da vida ser, pelo menos num vasto trecho do nosso "entorno" cósmico um advento singular ao nosso planeta. Segundo Edgar Morin, (op. cit., p.40): "Sendo um planeta dependente do Sol, esta Terra-Mundo está acabada, isolada, autônoma e colhe a sua autonomia da sua própria dependência. É um planeta singular e solitário entre os outros planetas do sistema solar e os astros da galáxia. E foi nesta solidão singular que ela fez nascer qualquer coisa de solitário e de singular em todo o sistema solar, na galáxia, sem dúvida, no cosmos talvez: a vida."

<sup>10</sup> Citado por Paul Rabinow - Artificialidade e Ilustração/Da sociobiologia à Bio-Sociabilidade - in *Novos Estudos/Cebrap*, São Paulo, n. 31, outubro de 1991, p. 92.

desenhado, este é o mapa genético; e se há uma nova cartografia sendo produzida, esta é a cartografia da vida.

Assim, aquele encontro, há pouco aludido, entre as fronteiras físicas, econômicas e políticas, simbolizaria também uma espécie de fusão entre a ecologia e a economia no âmbito da escala planetária.

Diante deste quadro, de limites explícitos e expostos, impõem-se a necessidade de se voltar os olhares, eternamente à caça de uma saída, para o interior do planeta, onde uma nova alternativa de investimentos se divisaria numa espécie de *hinterland* do espaço mundial - territorializado principalmente pelas grandes florestas em que se abrigam os mananciais de biodiversidade. Tais territórios, comparativamente às outras áreas já tradicionalmente incorporadas aos fluxos econômicos e político-sociais, apresentariam uma potencialidade de apropriação e exploração, ou de conversão valorativa, bastante elevada.

A possível produção de um novo patamar tecnológico fundado na biotecnologia, reduz toda e qualquer manifestação de vida à condição potencial de matéria-prima e define, entre os recursos naturais, um novo cacife estratégico que apresenta, ainda, uma situação de desconhecimento ou de inexploração (ou potencial exploração) que, caso quiséssemos traduzir em índices não poderíamos utilizar números menores do que 90%.

Rabinow, para ilustrar o grau desta nossa ignorância (ou desta potencialidade) em relação aos mistérios da vida, afirma o seguinte: "A estimativa atual é que nós temos aproximadamente três bilhões de pares de base em nosso DNA; o camundongo tem aproximadamente o mesmo número, enquanto o milho ou a salamandra têm em seu DNA mais de trinta vezes o número que nós temos. Ninguém sabe por quê. A maior parte do DNA não tem função conhecida. Acredita-se, não sem um certo desconforto, que 90% do DNA humano seja 'junk' ['refugo', 'porcaria'](...) Parece muito improvável que 90% de nosso DNA seja irrelevante do ponto de vista da evolução, mas atualmente não se sabe precisamente o que seja essa relevância."<sup>11</sup>

Quanto às estruturas genéticas, normalmente atribuídas como sendo constituintes equivalentes aos 10% do DNA cuja

<sup>11</sup> Paul Rabinow, op. cit., p. 81

função se acredita saber, nosso conhecimento, ainda segundo Rabinow, não passaria de 1% do total presumido.

A utilização, no entanto, de todas as potencialidades sugeridas pela matéria-prima-vida, isto é, a sua incorporação às equações da acumulação e da produção dos excedentes, envolve hoje variáveis muito mais complexas do que aquelas com que o imperialismo teve de se defrontar, para desenvolver seu processo de colonização original, nos tempos dourados do liberalismo.

Entre estas variáveis há que se considerar a geografia particular dos mananciais de vida, ao lado das sedimentações políticas conduzidas e conquistadas pelas duas centenas de países que compõem hoje o globo. Há que se considerar também as modificações na divisão internacional do trabalho, proporcionadas pela desconcentração dos polos comandantes e irradiadores da economia-política mundial. E não esquecer, é claro, das demandas que extravasam fronteiras, que extrapolam as políticas das intuições ou as previstas pelos Estados. Demandas estas que, embora, ainda, não sejam suficientes para abolir uma visão da totalidade do espaço mundial, como equivalente à simples justaposição dos interesses dos países, já são fortes o bastante para fazer admitir que este espaço compõe uma espécie de meta-sistema - o sistema mundo<sup>12</sup> -, onde a idéia de totalidade justaposta cede lugar à percepção de um conjunto como resultado de interações complexas entre esferas nacionais, internacionais e transnacionais.

Tais variáveis acrescentam, no mínimo, novos sentidos para a natureza, o meio ambiente e o espaço do capital, ou para o padrão de acumulação que visivelmente se instala (nem que seja como "meta-sistema") em todos os lugares do globo.

Obviamente, os sentidos tradicionais permanecem à disposição deste mesmo padrão e podem ser conferidos nas paisagens de degradação física e humana presentes em quaisquer dos lugares do planeta. Mas, nem tudo continua como dantes neste último quartel de século. Há algumas importantes novidades anunciadas exatamente pela nova conjugação das variáveis que mencionamos.

<sup>12</sup> cf. Oliver Dollfus - Geopolítica do Sistema-Mundo -, in *Fim de Século e Globalização*, org. por Milton Santos e outros. Hucitec-Anpur. São Paulo, 1993. Para Dollfus: "O Sistema Mundo é um 'metassistema' geográfico, o ambiente de todos os demais sistemas geográficos (...)" (p. 24).

Se comparássemos o começo deste século com os dias atuais, poderíamos dizer que na nossa lista dos grandes "enigmas" da natureza, acrescentamos, ao já tradicional mistério que sempre envolveu a nossa percepção da matéria - do átomo ao cosmos -, o da própria vida. De ambos - matéria e vida -, hoje, já podemos dizer quase as mesmas coisas ou expor as mesmas (in)certezas. No caso da vida, como já dissemos, o nosso grau de ignorância poderia ser medido por índices que acreditamos sejam superiores aos 90%. No caso da matéria esse índice já é pelo menos uma certeza: "(...) os cálculos dos astrofísicos fazem supor que não conhecemos mais de dez por cento da matéria, estando noventa por cento ainda inacessível aos nossos instrumentos de detecção. Estamos num mundo que só muito minoritariamente é feito de estrelas e de planetas e que comporta enormes realidades invisíveis."<sup>13</sup>

Neste mesmo período de tempo - século XX -, no campo das relações entre o padrão de acumulação e aquilo que ele mesmo definiu como "seus recursos naturais", encontraremos também evidentes e grandes modificações. Basta considerar que no começo deste século (ou também, se quisermos, no começo do século passado) e, muito diferentemente da situação de agora, a questão da localização das fontes de recursos definidos como organicamente estratégicos para as equações do capital, se anulava diante de uma certa tranqüilidade proporcionada pelo trânsito fácil e admitido dos grandes impérios (incluindo o emergente norte-americano) nas suas empreitadas coloniais ou neocoloniais.

A não ser por uma questão de economia de custos, não importavam onde ficavam, por exemplo, as jazidas de carvão, de ferro ou de manganês, e outros componentes estratégicos utilizados para a alimentação da revolução do carvão e do aço. Ou, mais recentemente, também não importou muito onde se situavam as jazidas privilegiadas do petróleo que alimentou a revolução dos motores à explosão.

Algumas dessas jazidas, como sabemos, eram bastante concentradas em certos lugares, como Oriente Médio por exemplo, mas o neocolonialismo anulava pelo menos um dos sentidos das determinações geopolíticas e "deslocava" o próprio Oriente Médio de lugar, isto é, cercava-o por outras fronteiras que não as das nacionalidades (ou dos Estados) ali presentes. Além do mais estes

<sup>13</sup> Edgar Morin e Anne Brigitte Kern. op. cit., p. 36.

recursos que estamos qualificando como estratégicos, embora sempre tenham apresentado uma maior concentração em certos pontos do globo distantes dos polos de dominação, também sempre existiram em quantidades razoáveis nos entornos próximos destes mesmos polos.

Hoje, como sabemos, a situação é talvez substancialmente diferente.

Os limites biofísicos do planeta se não foram atingidos plenamente, estão muito próximos disso. Os fluxos da geografia política global apresentam trânsito complicado, onde a "simplicidade" da mão única dos tempos dourados do (neo)colonialismo foi abolida. As esferas políticas, econômicas, nacionais, sociais e culturais dos espaços mundiais imbricaram-se e tornaram-se mais complexas, a tal ponto que chegam a abolir qualquer possibilidade de sobredeterminação e conseqüente subordinação de qualquer uma destas esferas à(s) outra(s). Além disso, às tradicionais demandas sociais acrescentam-se outras como aquelas derivadas da consciência do esgotamento dos recursos, ou da contrariedade em face aos diversos tipos de poluição, degradação paisagístico-ambiental etc. Em meio a tudo isto, e às outras sedimentações a que já fizemos referência, a biotecnologia vai se materializando como a possível nova etapa dessa verdadeira revolução permanente que é a revolução industrial. E aqui é talvez o lugar onde mais a geografia sedimentada pela pretensão da geopolítica Estado-nacional apresenta seus maiores obstáculos.

### A Geografia da Vida: a espacialização produzida

Pela forma como conduziu-se a divisão internacional do trabalho, particularmente ao longo dos últimos dois séculos, o resultado foi a manifestação de paisagens distintas nos diversos países. Os mananciais concentrados de biodiversidade hoje estão muito claramente localizados, principalmente quando a escala de nossa observação é a global.

Símbolo máximo desta concentração e localização são as formações florestais ainda presentes no planeta, particularmente as florestas úmidas tropicais ou equatoriais, hoje mais conhecidas pela denominação genérica de *Rainforests*, graças ao idioma adotado tanto pelas preocupações preservacionistas quanto pelas pretensões

de manutenção da espoliação internacional. Tais florestas correspondem a apenas 6% da superfície da Terra e concentram algo em torno de 70% a 90% de todas as espécies animais e vegetais presentes no planeta.

Segundo relatório do Banco Mundial de 1992<sup>14</sup>, há apenas doze países que podem ser considerados detentores de megadiversidade, pois concentram algo em torno de 70% da biodiversidade do mundo. Destes doze, localizam-se no hemisfério norte apenas o México, a China e a Índia (que não são exatamente países do "Norte", pelo menos não no sentido com que esta palavra ficou consagrada). E, entre eles, o Brasil chega a concentrar quase um terço de toda diversidade da vida presente no planeta.

Segundo relatório do Greenpeace<sup>15</sup>, 97.5% das florestas tropicais do globo encontram-se em 34 países, mas destes, em apenas três - Brasil, Zaire e Indonésia -, é possível encontrar mais da metade destas florestas. Ainda segundo o Greenpeace, as taxas médias de desmatamento anual - 2.3% para o Brasil ou 1.4% para a Indonésia -, projetariam para as próximas décadas um colapso generalizado destes mananciais, caso eles continuem submetidos apenas às soberanias dos países que os cercam com suas fronteiras.

Em outras épocas, essa brutal especialização territorial de "matéria-prima" (segundo, é claro, o ponto de vista das pretensões da biotecnologia) e as ameaças que rondam estes mananciais concentrados de vida, talvez não fosse o maior dos problemas, pois, como já argumentamos, o "trânsito" mais livre e as possibilidades de colonização territorial, contornariam os obstáculos às pretensões dos antigos "impérios". Mas hoje, graças a todas aquelas sedimentações que já mencionamos, tal especialização é, de fato, um problema.

As sedimentações políticas, consagradas na escala do mapa-múndi pelas fronteiras dos Estados, impuseram a consideração de outros caminhos para as pretensões apropriativas. E assim, mais do que as imposições da força, que diga-se não foram abandonadas, incorporam-se novas modalidades e práticas discursivas, mais afetas ao campo das gestões diplomáticas, tais

<sup>14</sup> BIRD/ Relatório sobre o desenvolvimento mundial -1992. Desenvolvimento e meio ambiente. Rio de Janeiro, FGV, 1992.

<sup>15</sup> Legget, Jeremy (org.). *Aquecimento Global/O relatório do Greenpeace*. Rio de Janeiro, FGV, 1992.

como a possibilidade de revisão dos direitos irrestritos de soberania territorial, ou da discussão em torno da legitimidade da ingerência etc.

Obviamente a incorporação destas novas modalidades, revela preocupação com as ameaças que rondam os principais mananciais de biodiversidade, pois, para os estágios atuais da pesquisa e desenvolvimento biotecnológico, as florestas que abrigam tais mananciais, são fontes primárias, não só para pesquisas e projeções futuras, mas também para obtenção de lucros astronômicos desde já<sup>16</sup>.

A mais largo prazo, pode até ser que a biotecnologia se desinteresse pelas florestas e revele sua face "não muito amiga da biodiversidade", já que até aqui ela tem mais promovido homogeneidades do que garantido o espaço para a proliferação da vida, como atestam os processos de reengenharia genética já amplamente aplicados à produção agrícola e pecuária<sup>17</sup>. Mas, em função das potencialidades ainda inexploradas ou desconhecidas, o fato é que muitos recursos financeiros provenientes dos pólos tecnológicos, tem engrossado os projetos preservacionistas destinados à manutenção de algumas das principais florestas do globo.

A canalização de tais recursos, para subsidiar objetivos de "preservação" florestal, conta inclusive com o respaldo da opinião pública mundial, pois as ameaças que rondam as florestas são imediatamente associadas à questões tais como efeito estufa, destruição da camada de ozônio, extinção de espécies etc. E assim, as pretensões da biotecnologia ganham até argumentos ecológicos. Por tabela, ganham também os mesmos argumentos, as discussões em torno da possibilidade de revisão dos direitos de soberania e da legitimação do direito de ingerência. E, nessa balada, o sentido popularmente consagrado para as idéias neoliberais, particularmente aquele que diz respeito ao enfraquecimento do

<sup>16</sup> Exemplo destas proporções nos são fornecidos por Antonio Thomaz Junior in A Biodiversidade para Além da Preservação, artigo publicado no n.16 do *Caderno Prudentino de Geografia*, Presidente Prudente, setembro de 1994. À página 81 Thomaz afirma: "O exemplo do acordo firmado entre a Ciba Geigy e o Instituto de Biodiversidade da Costa Rica é muito ilustrativo a esse respeito, pois a empresa se comprometeu a pagar US\$ 1 milhão por ano para uso e manutenção dos recursos genéticos, sendo que, só em 1990, com uma única planta ganhou US\$ 750 milhões."

<sup>17</sup> Cf. Laymert Garcia dos Santos, op. cit.

Estado (com seus atributos territoriais e sua soberania), vai também adquirindo uma certa dimensão global e até mesmo "ecológica".

Dessa maneira, a discussão em torno da questão se complexifica, tornando até mesmo difícil distinguir, dentro da ampla movimentação que denominamos de ecológica, aqueles que a abraçam movidos pelos propósitos oportunistas-utilitaristas, daqueles outros que, embora abracem aparentemente as mesmas bandeiras, o fazem movidos pelo interesse em garantir espaços integrais de vida e de universos culturais.

Hoje todos sabemos como são importantes e necessárias as distinções, pois aquela conversa estalinista de que "os fins justificam os meios", ou de que é "possível cometer alianças táticas", ou de que não é necessário se preocupar com os caminhos trilhados, nem com as formas de sua condução ou construção, são todas conversas muito perigosas que, como sabemos podem conduzir a desastres como aqueles que destruíram a utopia socialista de leste a oeste do planeta.

### Ecologia X Soberania

Especialmente na discussão que opõe as demandas ecológico-ambientais aos interesses das soberanias territoriais, a necessidade de desfazer confusões, separando o joio do trigo, aflora com grande intensidade, pois parece haver uma certa concordância generalizada em responder sim às questões do tipo: há uma nova geopolítica sendo gestada?; há necessidade de se produzir uma nova geopolítica que busque melhor equacionar os dilemas promovidos pelos confrontos entre ecologia e soberania?

No entanto, há que se considerar as diferenças entre todos os integrantes desse coro que, de longe, parece entoar uma mesma e única canção.

No dilema ecologia *versus* soberania, há claramente os bem intencionados, isto é, aqueles que entram nesta discussão não por estarem preocupados com as soluções de continuidade das crises do capital, ou com a perda de mercados e com a produção de novas matérias-primas, mas porque se preocupam com a degradação da vida e das regiões do planeta, quando estas ficam à mercê dos interesses corporativos e consagrados por um obsoleto direito

internacional fundado numa justaposição de interesses estatais. Tais preocupações são obviamente legítimas.

Alguns, como Jacques Derrida, chegam a propor uma espécie de "5ª internacional", onde os interesses de uma nova geopolítica fundada nas demandas planetárias se oporia àquela fundada nos estatutos do Estado-nação: "a nova internacional, refere-se a uma transformação profunda, projetada no longo prazo, do direito internacional, de seus conceitos e de seu campo de intervenção. Assim como o conceito dos direitos humanos foi-se determinando lentamente ao longo dos séculos, (...), do mesmo modo o direito internacional deveria estender e diversificar seu campo até incluir nele (...) o campo econômico e social *mundial*, para além da soberania dos Estados (...)."18

Com o fim de tornar clara a sua proposta e, principalmente, não ser confundido quanto ao campo de suas intenções, Derrida prossegue afirmando: "O que se designa aqui, sob o nome de nova Internacional, é o que faz voltar à amizade de uma aliança sem instituição entre estes que, mesmo se não acreditam mais, ou nunca acreditaram, na internacional socialista-marxista, na ditadura do proletariado, no papel messiânico-escatológico da união universal dos proletários de todos os países, continuam a inspirar-se em um, pelo menos, dos espíritos de Marx ou do marxismo (eles sabem agora que há *mais de um*) para aliar-se, de um novo modo, concreto, real, mesmo que esta aliança não venha mais a tomar a forma do partido ou da Internacional operária, mas a de uma espécie de contra-conjuração, na crítica (teórica e prática) do estado de direito internacional, dos conceitos de Estado e de nação etc.: para renovar esta crítica e, sobretudo, para radicalizá-la."19

No entanto, há interesses muito díspares nesse empenho pela revisão dos fundamentos reguladores das relações internacionais.

Nesta discussão, sobretudo quando não se quer ser mal interpretado, há que se trazer sempre à tona a questão da totalidade, ou da matriz daquele "sistema-mundo" a que se referiu Dollfus.

O fato é que enquanto mantiver-se hegemônica, a matriz capitalista amalgamará ou coordenará qualquer nova ordenação

18 Jacques Derrida, op. cit., p. 116.

19 Jacques Derrida, op. cit., p. 117 e 118.

geopolítica, pois são evidentes os seus interesses no "livre trânsito" que uma possível falência, ou afrouxamento, das soberanias proporcionaria. Principalmente se esta "flexibilização", como diriam os hipócritas de plantão, consubstanciar-se numa (neo)liberdade preferencialmente no sentido "mão-única" do favorecimento das ingerências "norte-sul". O que no caso das pretensões biotecnológicas, por exemplo, poderia ser entendido como institucionalização do favorecimento dos polos concentradores de tecnologia, em detrimento daqueles possuidores dos mananciais de vida.

Ou seja, enquanto uns questionam apenas as regras que regulam as fronteiras e querem estender os direitos de soberania para a esfera das transnacionais privadas, mantendo um Estado diminuído, pelo menos no seu poder territorial, como legitimador desse processo, outros desconfiam do próprio instituto - Estado/Nação - e de sua capacidade de reverter a sua tradição de apropriação destrutiva: "o Estado-nação se tornou bastante forte para destruir maciçamente homens e sociedades, tornou-se demasiado pequeno para se ocupar dos grandes problemas agora planetários, ao mesmo tempo que se tornou demasiado grande para se ocupar dos problemas singulares concretos dos seus cidadãos."<sup>20</sup>

Mas, no caso das demandas biotecnológicas, tais oposições se resolveriam apenas pela adoção de acréscimos aos mecanismos reguladores do direito internacional, tais como leis de patentes, regras para fluxos de *royalties*, regras para a proteção dos direitos referentes à propriedade intelectual da tecnologia etc. Pois isto já seria o suficiente para favorecer aquele fluxo de "mão-única" que há pouco fizemos referência.

E, enquanto tais mecanismos não são instituídos por todos os Estados, os patrocinadores deste campo de demandas, que genericamente batizamos de biotecnológicas, vão "pirateando" amostras de vida, colhidas entre aquilo que eles chamam de *rainforests* e entre as comunidades indígenas de todos os continentes. Amostras estas que são utilizadas para engordar os patrimônios dos novos bancos: os bancos genéticos ou de germoplasma, que embora hoje já estejam presentes em cerca de

<sup>20</sup> Edgar Morin e Anne Brigitte Kern, op. cit., p. 95.

130 países, concentram-se em maior número - 65% -, nos chamados desenvolvidos.<sup>21</sup>

Como exemplos deste procedimento poderiam ser mencionados desde as incursões promovidas pelo *Projeto Genoma*, para a coleta de amostras de sangue das comunidades isoladas e espalhadas pela América andina, até a enorme quantidade de biomateriais extraídos do Brasil e já há algum tempo depositados no departamento de patentes dos EUA - o *US Patents*. Até janeiro de 1994 registravam-se cerca de 260 dessas variedades que haviam dado entrada neste departamento, algumas das quais já haviam inclusive recebido o número de patente. Sob diversos e "curiosos" nomes, tais como *cana-de-açúcar*, *hevea brasiliensis*, *beiju*, *café*, *conjuntiva humana*, *orelha humana*, *solo de floresta* etc, tais materiais tiveram suas patentes requeridas por diversos indivíduos e inúmeras empresas, entre as quais destacam-se Dow, Lepetit, Bristol, Squibb, Parke Davis, British Petroleum, Lever Brothers etc, e há até uma curiosa associação de depositantes assim discriminados: *Depositor* - A.E.Jenkins (Japanese Government & BP Chem.); *Material* - Hevea brasilienses, leaves; *US Pat.#* - 4,202,966 & 4678752.<sup>22</sup>

Aqui é importante observar que, segundo a cínica lógica da liberdade de trânsito, exclusiva para o sentido "norte-sul", o conceito de pirataria não se aplica evidentemente ao roubo de amostras de biodiversidade, mas apenas ao da tecnologia. A vida, obviamente, e os detentores de sua diversidade não são, afinal, tão importantes assim. E nesse caso, os "mocinhos" ou os "bandidos" da questão, não são tão facilmente identificáveis ou localizáveis, pois isso não depende apenas das rígidas localizações apontadas pelas fronteiras dos países. No Brasil, por exemplo, graças ao sancionamento presidencial da nova Lei de Patentes em 14 de maio de 1996 e após cinco anos de tramitação, demonstrou-se que não foram inúteis todos aqueles depósitos de nossos biomateriais no *US Patents*, pois nesta nova lei aprovou-se um dispositivo denominado *pipeline*, que garante o reconhecimento dos patenteamentos conferidos fora do país e anteriores à lei sancionada por FHC.

<sup>21</sup> Third World Network - Biodiversity Briefings - Malaysia, June 1994. (mimeo)

<sup>22</sup> Cf. documento divulgado por RAFI - Rural Advancement Foundation: BioPiracy Survey/ Commercially-useful Biomaterials from Brazil deposited in the USA. Malaysia, Biodiversity Convention, June 1994. (mimeo)

Para um país, como o Brasil, já experiente na concessão de anistias amplas gerais e irrestritas, acrescente-se mais esta: a legalização da biopirataria e a anistia para os seus respeitáveis praticantes das desinteressadas indústrias químicas, farmacêuticas, biotecnológicas etc.

### Ecologia x Ecologia

Enquanto isso, em meio a todo esse barulho, nós, os outros, temos sérios dilemas para resolver, porque temos igualmente sérias bandeiras a defender. Navegamos numa espécie de mar revolto, inflacionado e baralhado pelos signos destes (neo)tempos, em que realmente há oposições entre os interesses daquilo que chamamos ecologia e aquilo que a geopolítica dos Estados-nações nos fizeram entender por soberania. Há também oposições entre perspectivas internacionalistas e a xenofobia nacionalista. Há, ainda, oposições entre os interesses daquilo que defendemos como as demandas ecológico-planetárias, preocupada com as degradações de paisagens e de pessoas e, as biotecnológicas, interessadas apenas em resolver o que poderíamos chamar de "fluxos de caixa". Em suma: como ser moderno, ser ambiental, ser ecológico, ser planetário, ser internacionalista e adotar a idéia de uma pátria terrestre, sem se prestar ao papel de "boi de piranha" dos interesses que também se reivindicam como transnacionais, mesmo que apenas para solucionar os "neo" problemas da velha ordem mundial, que agora resolveu autodenominar-se de nova?

Há, no mínimo, uma saída: ao mesmo tempo em que erguermos as bandeiras ambientais e ecológicas, não descuidarmos de trazer sempre à tona o velho e surrado discurso crítico da matriz capitalista (manifeste-se ela como local, global, liberal ou neoliberal) e seu papel de totalidade engessadora de qualquer solução para os dilemas e resultados das oposições apontadas. Ou seja, temos ainda o direito de continuar apontando o fato de que permanecemos sendo partes insatisfeitas e discordantes desta totalidade que, sob novas roupagens, corre o sério risco de virar unanimidade. E como diria o nosso mais célebre dramaturgo - Nelson Rodrigues -, portanto o especialista que devemos evocar sempre que o tema corre o risco de resvalar para a farsa ou para a

tragédia: como toda unanimidade, esta também seria burra. Evidentemente!

E por falar em dramaturgia, e antes que as cortinas se abaixem definitivamente, há sempre a possibilidade de uma última questão: em tempos de crises que podem ser interpretadas como resultantes tanto da coincidência de todas as fronteiras nos confins do espaço planetário, como também da não coincidência de fronteiras (culturais, físicas, políticas e econômicas, principalmente) nos espaços interiores do planeta, o espetáculo do mundo torna-se um exercício macroescalar de geografia explícita, onde a compreensão do significado dos lugares e dos espaços adquirem uma dimensão de importância, talvez jamais vista e que não pode ser negligenciada. Assim, mais do que embarcar na onda, que reconhecemos é cheia de boas intenções, da morte anunciada para o espaço (como indicativo do prevaletimento da dimensão tempo), como decretou Paul Virilio<sup>23</sup>, ou então adotar um novo signo, em meio a uma inundação deles, como quer Marc Augé e seus "não-lugares"<sup>24</sup> (como indicativo das desidentidades provocadas justamente pelo excesso de lugares), preferimos ficar com o anúncio intuitivo de Milton Santos: "Nunca o espaço do homem foi tão importante para o destino da História. Se como diz Sartre, 'compreender é mudar', fazer um passo adiante e 'ir além de mim mesmo', uma geografia refundada, inspirada nas realidades do presente, pode ser um instrumento eficaz, teórico e prático para a refundação do Planeta."<sup>25</sup>

<sup>23</sup> Paul Virilio/ Sylvere Lotringer. *Guerra Pura-A militarização do cotidiano*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>24</sup> Marc Augé. *Não Lugares - introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 1994.

<sup>25</sup> Milton Santos (org.). "A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo" (op. cit., p.22).